

Formas de vida no *mundo do crime*: análise exploratória através do *funk* proibidão,

Luciana Moretti Fernández ¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise exploratória de vídeos *funk* proibidão de apologia do crime que circulam no YouTube a partir da articulação de metáforas de formas de vida em Jogos de Linguagem e marcadores emocionais de heteroagressão. Foram identificados elementos sugestivos de uma cultura do crime e fios condutores que apontam para dimensões políticas e de sociabilidade sugestivos de radicalização.

Palavras-chave: *funk* proibidão, apologia do crime, comunicação política, *mundo do crime*, radicalização.

Abstract: This article presents an exploratory analysis of apology for crime in "*funk proibidão*" videos circulating on YouTube through metaphors of life forms in Language Games and emotional markers of hetero-aggression. Suggestive elements of a culture of crime and paths leading to political and sociability signs of radicalization have been identified.

Keywords: *funk proibidão*, apology for crime, political communication, world of crime, radicalization.

Introdução

O ódio é a arte de conservar, nutrir, ampliar uma cólera, narrando histórias horríveis. Mas não quaisquer histórias. De preferência aquelas que a jogam num abismo, onde tudo desaparece. (André Glucksmann, em O discurso do ódio)

Vemos o mundo sempre através dos nossos próprios olhos e descrevemos o que vemos, da realidade material, dos mundos simbólicos ou qualquer possibilidade de interação, recorrendo às crenças e teorias com que aprendemos a explicar o funcionamento das coisas, às regras e valores que nos atravessam, e dependendo ainda das emoções que experimentamos. As condições nas quais desenvolvemos esses recursos desde o nascimento, estabelecendo com os mundos que habitamos

¹ Pesquisadora membro do grupo *Comunicação Pública e Comunicação Política* COMPOL, coord. Profª. Dra. Heloiza H. M. Nobre, e do grupo de trabalho *Critical Terrorism Studies - CTS* (BISA). Doutoranda em Ciências da Comunicação, linha de pesquisa Interfaces da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: morettif.luciana@gmail.com

relações de causa e efeito, transformando-nos e transformando o ambiente recursivamente, não são as mesmas para todos nós.

Instintivamente respondemos com curiosidade ou desconfiança ao que é desconhecido. Quando a suspeita se instala como fio condutor, o resguardo e o ataque encontram o caldo de cultura para erigirem-se como modos de vida. No longo prazo, aprende-se a estigmatizar e a excluir, e a solidariedade que nos permitiria ver o Outro como parte de nós mesmos, como igual na origem, não floresce, ou erige-se nas suas formas confinadas, sabotando, isolando e excluindo aqueles que, aprendemos, não são mais como nós. E assim, membros e não membros, *insiders* e *outsiders*, convivem em isolamento.

Alegria, amizade e solidariedade compõem o mito da brasilidade que nos descreve como um povo que recebe bem, acolhendo etnias, nacionalidades e religiões. Contudo, o Brasil vive conflitos armados sem que haja em seu passado traumatismos deixados por conflitos étnicos, religiosos ou ideológicos (ZALUAR, 2011). Há um fosso que divide a sociedade brasileira, um fosso que se perpetua ao extrapolar largamente os limites da desigualdade econômica, legitimando-se e reproduzindo-se cotidianamente por meios distantes daqueles praticados nas origens colonialistas e escravagistas (SOUZA, 2009), atingindo e cimentando a um e a outro lado do fosso as condições não apenas materiais, mas principalmente simbólicas e emocionais, nas que se inscrevem histórias de vida.

Dizer que há um fosso separando dois lados pode soar exagero, podendo-se argumentar que não existe tal cisão em termos absolutos. Ocorre que o que se dá a um e a outro lado desse fosso não é um movimento fechado em si mesmo. Apesar do isolamento político que a exclusão social prolongada produz, somos perpassados e atravessados por ordens simbólicas e mecanismos comunicantes, onde a subjetividade se constitui em trocas também ancoradas na invisibilidade do Outro. Vemos o Outro tal como ele se descreve a si e a nós mesmos a partir da confluência dessas interações e, inarticulados (TAYLOR, 1997) e sem consciência daquilo que nos constitui em cada momento, firmamos compromissos com mecanismos sórdidos. Para isso, medo, suspeita e ódio são traiçoeiros.

Que produtos intersubjetivos são possíveis quando há um fosso que separa parcelas da população, tornando as pessoas invisíveis e incompreensíveis umas às outras? Que interações são possíveis quando a suspeita se instala colocando em xeque a legitimidade das emoções e afetos mais primários? Até onde é possível compreender o Outro quando se habitam mundos distantes e em conflito? Quando o conflito permanece longamente sem ser nomeado, enquanto é vivido num crescendo de volume e intensidade, que explicações conjuntas se constroem? Não teríamos no *mundo do crime* uma dimensão simbólica que, apesar de ser resultado do isolamento político e da exclusão, é fruto de vivências que só são possíveis ENTRE as pessoas?

Aplicados à violência que se estende pelos centros urbanos brasileiros, esses foram alguns dos questionamentos que me conduziram aos vídeos de *funk* de apologia² do crime que circulam no YouTube. A cultura *funk* como produto da cultura pop é muito mais ampla do que o recorte do *funk* clandestino, não podendo ser associada diretamente à criminalidade. De fato, o *funk* foi nomeado patrimônio cultural do Rio de Janeiro em 2008³ numa reação à lei que até então proibia as raves e bailes no estado do Rio, e à associação frequente entre o *funk* e o narcotráfico. Contudo, por sua popularidade no cotidiano das periferias e possivelmente por peculiaridades como sua afinidade com movimentos sociais, uma linguagem própria, a articulação em torno do MC como líder, e mesmo os combates nos bailes de corredor, o *funk* clandestino ocupe seu lugar como elemento de socialização.

O motor dos homicídios no Brasil está na população jovem entre 14 e 25 anos, com crescimento de 204% nas últimas três décadas (WAISELFISZ, 2011)⁴. Segundo o anuário do Fórum de Segurança Pública (2014), as taxas de homicídio brasileiras incluindo homicídios dolosos, latrocínios e lesões seguidas de morte em 2013 apontam crescimento de 1,1% com relação a 2012, com média de 1 homicídio a cada

² A incitação ao crime e a apologia do crime estão tipificadas no Código Penal, artigos 286 e 287.

³ O texto da Lei encontra-se disponível em <http://www.observatoriodefavelas.org.br/userfiles/file/funk_nr_4124_-_Chico_Alencar1.pdf>. Acesso em 03/08/2013.

⁴ Para discussão detalhada sobre os padrões da violência no Brasil, ver FERNÁNDEZ, Luciana, Políticas públicas de segurança e violência política: reflexões sobre capital social negativo e reciprocidade in MATOS, H. (org.) Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas. 2013.

10 minutos. A polícia brasileira está entre as que mais mata e mais morre em serviço, e os números brasileiros são superiores aos números atingidos em países em conflito armado (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2014).

O universo cantado no *funk* de apologia do crime, articulado em torno da vivência de um conflito armado, da estruturação no braço nervoso dos comandos e da blindagem afetiva e cognitiva encontra, assim, paralelos nos mapas da violência. Cabe indagar então sobre os elementos simbólicos que compõem esse universo, tornando-o atraente apesar de sua carga sinistra e das escassas garantias de êxito. Além disso, a crueldade tanto entre integrantes do *mundo do crime* quanto em agressões praticadas contra vítimas não relacionadas com a criminalidade é significativa. Essa escalada não é explicável apenas por razões econômicas.

Os resultados discutidos aqui são fruto da aproximação exploratória ao *mundo do crime* como lugar de sociabilidade através do *funk* como universo cultural. Nessa imersão, foram identificados marcadores linguísticos e emocionais sinalizadores de radicalização e choque social (MATSUMOTO et. al, 2012), bem como elementos simbólicos relacionados à adesão ao crime não apenas como solução econômica, mas como forma de vida perpassada pela legitimação grupal, pela redenção no discurso da inevitabilidade, pela oposição ao Outro.

Apologia do crime como terreno analítico: escopo, fonte de dados, método

Os vídeos *funk* de apologia do crime foram selecionados como corpus para uma aproximação a um discurso mediado que poderia conter elementos de incitação à agressão dirigida e indícios de elementos culturais do *mundo do crime*. Produzidos no e para o universo clandestino da criminalidade, sua validade como fonte de dados sustenta-se principalmente na intencionalidade das declarações.

Diferentemente de depoimentos obtidos por exemplo em entrevistas, onde a desejabilidade social ou insegurança podem representar desvios importantes, esses vídeos foram produzidos por e para o *mundo do crime* e suas adjacências, para mobilização de opiniões e engajamento servindo, portanto, de amostra discursiva das crenças e desejos que operam como diretrizes para a ação nesse universo simbólico.

A expressão *mundo do crime* é utilizada por Feltrán (2008, p. 31) como "conjunto de códigos e sociabilidades em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos e furtos". Esta formulação serve-nos para nomear o envolvimento com o crime como forma de vida, destacando os códigos e formas de sociabilidade possíveis que atingem crianças e jovens brasileiros. São constantes as tensões entre o *mundo do crime* e pessoas que se vêm obrigadas a lidar com o crime para defender-se de seus efeitos, aceitar formas de convivência pacífica nas regiões onde o crime opera ou acompanhar as histórias de amigos e familiares com envolvimento direto.

Os vídeos analisados pertencem à variante proibidão, subgênero do *funk* carioca. Na variação clandestina, o proibidão caracteriza-se pela exaltação da violência e apelo sexual. Para observar o universo simbólico do *mundo do crime* e o conteúdo de agressividade dirigida, foram desconsiderados os vídeos com temática predominantemente sexual e o *funk* consciente, outra variante cuja finalidade é expor as dificuldades da vida nas favelas e periferias. Foram selecionados somente vídeos que fazem apologia, incitação e exaltação do crime.

Amostragem e critérios de seleção

Foi utilizada a técnica de amostragem “caminhada aleatória” (Steiner, 2012), caracterizada por uma sequência de passos discretos a partir de um ponto conhecido, com distância constante entre cada passo e aleatoriedade na direção de cada movimento⁵. Na formulação matemática, a caminhada aleatória pretende reproduzir o movimento aleatório de fenômenos como perturbações térmicas em líquidos ou comportamentos das taxas de juros no mercado. Ao não dispormos de um listado estável e finito dos vídeos no YouTube ou de previsão para os mecanismos de busca, a caminhada aleatória apresenta-se como alternativa viável.

⁵ Nesta análise, a partir da palavra-chave digitada no YouTube foi selecionado um vídeo-semente que, ao ser visualizado, traz associado um novo conjunto de vídeos. A partir desse novo conjunto, foi selecionado em cada passo o novo elemento (vídeo) atendendo-se aos critérios de busca e exclusão. Cada vídeo selecionado é um passo na caminhada aleatória. Um novo conjunto de vídeos é apresentado cada vez que um vídeo é selecionado, o que determina as direções possíveis na caminhada. Assim, a cada seleção de um novo vídeo, tem-se uma distância constante com o anterior (primeira página de busca), mantendo-se a direção é aleatória, posto que cada vídeo selecionado levará a um conjunto não controlável de alternativas possíveis.

Os pontos de partida foram buscas no YouTube com as palavras-chave “CV” e “PCC”. Foram incluídos tanto o Comando Vermelho como o PCC para que os vídeos estivessem relacionadas às duas principais formações criminais no cenário urbano brasileiro e para observar sinais de identificação ou diferenciação entre os mundos simbólicos em torno de cada um. A amostra analisada compôs-se de 20 vídeos (N=20).

Foram selecionados como sementes os vídeos com maior número de visualizações na primeira página de resultados que cumpriam os critérios de seleção. A seleção das peças (ou direcionamentos na caminhada aleatória) baseou-se em critérios como número de visualizações, MC com várias publicações, título relacionado com o crime ou organizações criminosas, majoritariamente CV e PCC.

Existem várias versões dos mesmos vídeos, principalmente nos casos em que há um grande número de visualizações, produzindo variabilidade no conteúdo iconográfico que acompanha letras e música. As versões variam no tempo e em função da popularidade que os MC (mestres de cerimônia no hip-hop/*funk*) podem alcançar. É um critério significativo para a seleção, já que a figura do MC cumpre a função de aglutinador e líder. No contexto do *funk*, o MC é quem, de posse do microfone, tem a função de animar e articular a festa. É frequente que as festas sejam palco de rivalidades e exaltação de poder, de forma que o combate entre os MC, quando pertencem ao *mundo do crime*, pode significar confronto entre grupos.

Categorias de análise

No campo da violência política, Matsumoto et. al. (2012, 2013) conduziram estudos que relacionam marcadores linguísticos e expressões emocionais em declarações de líderes ideológicos e grupais com desfechos efetivos de heteroagressão. Buscam cobrir uma lacuna nos estudos que relacionam linguagem e estados afetivos à formação de atitudes e opiniões, dando um passo na identificação de preditores da ação violenta. A linguagem do líder é considerada como instrumento para envolver o outro, e os marcadores linguísticos e emocionais são indícios de desejos, intenções e preditores de ações.

Buscando causalidades entre emoção, linguagem e ação, Matsumoto et al. selecionaram eventos de agressão política e ideologicamente motivadas relacionando-

os com o conteúdo de declarações que antecederam ataques em 3 momentos numa série temporal: 3, 6 e 12 meses. Seus resultados confirmam suas hipóteses iniciais, apontando para um aumento de expressões de ira, desprezo e nojo na série temporal conforme se aproxima a data da agressão (MATSUMOTO et al, 2012).

Confirmaram também a presença de marcadores verbais demonstrando aumento na frequência do pronome pessoal em primeira pessoa (plural) e de expressões desumanizadoras do objeto de agressão nos momentos antecedentes ao ato. Inversamente, apontam que a complexidade cognitiva e integrativa⁶ tendem a diminuir conforme a violência surge como solução (MATSUMOTO; HWANG, 2012). Ira, desprezo e nojo são monitorados como prováveis componentes psicológicos do ódio e mobilizadores da heteroagressão (MATSUMOTO et. al., 2013).

As categorias de análise apresentada aqui basearam-se inicialmente nos marcadores de Matsumoto et al (2012), sendo ampliadas para comportar uma análise exploratória dos vídeos que incluísse as formas de vida nas quais são usados os componentes de heteroagressão. Ira, desprezo e nojo foram utilizados conforme operacionalizados por Matsumoto et al. (2012):

Raiva	Emoção referente a ato conduzido por indivíduo ou grupo. A raiva é disparada pela percepção de injustiça, impedimento de meta ou violação de normas. Se alguém ou grupo faz algo ruim, a raiva orienta-se ao ato. O ator não é necessariamente considerado ruim em si mesmo.
Desprezo	Diz respeito à pessoa ou grupo e serve para declarar superioridade moral e status. Tem origem em certas formas de raciocínio e busca a desqualificação e diminuição do outro.
Nojo	Sentimento sobre objetos contaminados, apodrecidos, ofensivos (pessoas, grupos, coisas). Serve para eliminar/repelir o objeto contaminado. Implica que a pessoa ou o objeto são ruins em si mesmos, sem possibilidades de reabilitação. O nojo se sobrepõe à razão, com raízes no instinto animal.

⁶ A complexidade cognitiva refere-se ao grau em que o sujeito diferencia entre soluções concorrentes, tentando integrá-las. A complexidade integrativa refere-se ao grau em que a verbalização reflete o reconhecimento de mais de um ponto de vista legítimo sobre determinado assunto, relacionados uns aos outros em alguma medida (MATSUMOTO; HWANG, 2012: p.3).

Tabela 1 - Componentes emocionais do ódio (MATSUMOTO et. al, 2012, p. 7), tradução nossa

A raiva, o desprezo e o nojo podem motivar a agressão e a violência juntamente com componentes éticos e morais, integrando-se em ódio. Essa articulação relaciona crenças, valores e desejos, pois o ódio inclui formulações complexas que podem mobilizar componentes biográficos, discursos compartilhados, valores culturais e crenças, bem como a frustração de desejos e a percepção de injustiça.

A partir dos vídeos analisados esboça-se uma matriz baseada na identificação de formas de vida e na presença componentes de heteroagressão. A ideia de formas de vida está associada à formulação sobre Jogos de Linguagem de Wittgenstein (1999). Para Wittgenstein, o sentido se constrói no uso e a linguagem opera não como representação da realidade, mas como instrumento constitutivo no qual as palavras servem para fazer coisas.

Os usos recorrentes de Jogos de Linguagem constituem verdadeiras formas de vida. O Jogo de Linguagem é, para Wittgenstein, o todo que inclui linguagens e as ações às que está imbricado (WITTGENSTEIN, 1999), sendo que estamos o tempo todo imersos em jogos que estabelecem o lugar relacional que ocupamos e reservamos ao Outro, bem como as atribuições de sentido. A linguagem opera sobre o sujeito numa articulação única entre os elementos que incidem sobre a subjetividade.

Assim, crenças, incluindo teorias explicativas de mundo, valores e normas que nos orientam, bem como desejos e intenções seriam regras para a ação. Esta articulação compõe a ideia de subjetividade-rede em Rorty (1989), propondo que aquilo que sabemos de nós mesmos e do outro existe sempre sob descrição. A subjetividade em Rorty é efeito da linguagem, dos jogos em que nos vemos imersos com o Outro, jogos intersubjetivos nos quais nos descrevemos e redescrevemos, num movimento contínuo que produz efeitos em nós e no outro.

Esta análise exploratória busca uma aproximação à construção de subjetividades, atribuição de significados e agressão dirigida no interior de Jogos de Linguagem visando compreender esses elementos nas formas de vida em que são articulados. Não se trata, portanto, de comparar tais elementos isoladamente com

categorias externas que, diante deste objeto em particular, tendem a sofrer efeitos de vieses carregados de elementos éticos, morais e afetivos.

Dimensão	Indicador	Operacionalização
Forma de vida	Metáforas vivas identitárias	Metáforas que não têm sentido cristalizado na linguagem em uso. Podem sugerir processos de ressignificação identitária.
	Jogo proposto	Aquilo a que o relato incita o interlocutor, um convite. Propõe regras de significação e lugar para os jogadores.
	Lugares de fala	Que lugar relacional o sujeito do relato toma para si? Sujeito-agente de sua biografia, assujeitado, transição ambígua?
Cultura	Subjetividade-identidade	Descrição de si mesmo. Guerreiro, criminoso, vitimado? Em interação ou em oposição ao outro?
	Crenças e pressupostos	Explicações causais, visões de mundo, ideia de realidade.
	Normas e valores	Traços considerados legítimos e regras que regulam as relações.
Heteroagressão	Raiva	Emoção dirigida contra a ação do Outro. Eixo motivação, energização.
	Desprezo	Desqualificação do Outro. Declaração de superioridade e status. Eixo dominação.
	Nojo	O destinatário é desprezível, ruim na essência, irreparável. Eixo desumanização, extermínio.

Tabela 2 - Categorias elaboradas durante a análise exploratória.

A análise partiu, portanto, da ideia de Jogos de Linguagem e formas de vida como sistemas de significação inseridos em contextos históricos e culturais datados, com ação recursiva na produção e reprodução desses contextos. Para a discussão foram selecionados exemplares de 3 metáforas de formas de vida com o fim de formular novas perguntas de pesquisa e hipóteses de trabalho.

Análise e discussão

A análise dos vídeos mostrou-se complexa. Primeiramente, pela complexidade de trabalhar de forma que pudesse resultar útil sobre conteúdos fortemente

agressivos e situados na zona de rechaço tanto da legalidade quanto da ética compatível com ideais de racionalidade, liberdade e igualdade herdados de uma concepção filosófica moderna sobre a qual estão assentados não somente as noções de Estado de Direito, mas também o senso comum e boa parte do pensamento teórico.

A maneira como se nomeia o que se tem diante de si conduzirá a um entre caminhos de significação possíveis. Nessas sendas, tanto a redenção baseada na aparente inevitabilidade social quanto a personificação unicamente no indivíduo são reducionistas em si e situam as causas e a manutenção dos problemas em âmbitos estanques dos quais ficam excluídos todos aqueles que se vêm apenas indiretamente afetados. Tem-se nos extremos a imobilização na essência e a redenção, ambos restando ao homem a possibilidade de ser sujeito de sua história.

Da concepção de ser humano

Partindo do que Ramberg nomeou em Rorty como naturalismo pragmático (RAMBERG, 2004), nada que fazemos está acima do plano natural e não há nada em nós além daquilo que nós mesmos escolhemos. Esta formulação não sugere que o homem não sofra as constrações do contexto. Sugere que o que colocamos em nós e na nossa biografia é o que selecionado entre as possibilidades identificáveis em cada momento, inseridos nas contingências que definem tanto constrações como possibilidades do sujeito, incluindo suas precondições físicas, sociais, históricas e culturais, sua biografia.

Ao não situar a razão em um plano superior às demais habilidades humanas, abre-se espaço para que em nós habitem simultaneamente subjetividades e articulações identitárias incompatíveis, o racional e o irracional, o cuidador e o agressor, sem que por isso deixemos de ser meros organismos que habitam o mundo natural fazendo uso das habilidades para lidar com o ambiente.

O que fazemos ou somos seria sempre causado por coisas e eventos de diversas ordens, e as relações causais podem ser explicadas por diferentes sistemas de justificativas. A justificativa dependerá da atribuição de sentido que se dá a cada evento, que será sempre um particular passível de redescrção (DAVIDSON, 1974). Quem empunha uma arma o faz com suas próprias mãos, ainda que seja em

condições materiais e simbólicas que não permitam refletir articuladamente sobre as contingências e possibilidades.

O conflito pode ser descrito como guerra, sina ou resposta à injustiça, por vezes identificando-se com o conflito político em forma de violência política. Nos vídeos analisados, contudo, apesar de reproduzirem o discurso da revolta contra a injustiça social, as formas de vida às que se faz apologia são qualquer coisa menos exaltação de mudanças sociais que promovam justiça e igualdade. Ao contrário, quem se pronuncia do lugar de fala da “condição de bandido” consome, veste e se cerca de bens que são objeto de desejo na sociedade de consumo (ver também ZALUAR, 1983). O desejo de dominação e poder explícito principalmente na exaltação da prática do roubo constituem um compromisso com a ordem da dominação do mais poderoso sobre o mais fraco, manifesto ao empunhar armas.

Metáforas de formas de vida

Com as metáforas de formas de vida adentramos as sendas da significação. O *mundo do crime* cantado no proibidão apresenta linguagem própria, e dessa linguagem fazem parte vocabulários ricos em metáforas vivas (RORTY, 1989) que sugerem processos de ressignificação e de produção identitária na medida em que não têm um sentido cristalizado na linguagem, reposicionando o sujeito nas urdiduras do tecido social. As palavras “crime” não foi utilizada na maioria dos vídeos observados. Quando aparece, refere-se ao modo de vida que em si mesmo constitui um sistema de significações.

A maioria das metáforas sobre formas de vida identificadas pressupõem identificação entre os pares, tornando-os “outros” frente aos que estão “fora do crime”. No *mundo do crime* diferenciam-se grupos, ou entre bandidos “formados” e “não formados” (que não respondem aos códigos de reciprocidade que regulam a convivência entre as partes), e ainda entre quem está “formado” com o tráfico e quem se dedica a roubos e assaltos. Os universos apresentados são heterogêneos e complexos.

A análise exploratória permitiu identificar três metáforas de vida recorrentes: “essa guerra”, “vida paralela” e “bonde 157”. Nas duas primeiras, a exaltação do Comando Vermelho, seus mitos e heróis, está muito presente. Em “bonde 157”

destacam-se a exaltação da violência e do poder. Bonde 157 faz referência ao artigo do Código Penal para roubo, diferenciando-se do furto por estar acompanhado de grave ameaça ou violência à pessoa. Os vídeos relacionados ao PCC e ao coletivo carcerário não serão discutidos aqui porque os elementos de radicalização e o posicionamento político explícito contra autoridades demandam análise específica.

Dos jogos propostos nas metáforas

Cada metáfora destaca certo jogo ou forma de vida. Assim, a metáfora “essa guerra” convida o interlocutor para compreender a luta, a defesa do território e o inimigo através de um ethos guerreiro:

na Faixa de Gaza, é só homem bomba/na guerra é tudo ou nada

A metáfora “vida paralela” convida para as incertezas, as oscilações, a conhecer o preço de estar no crime, mas também a compartilhar a curiosidade e as coisas que essa vida tem para ensinar. Destaca a ambiguidade e exalta o controle através da vinculação a um comando no seio do qual essa “vida paralela” transcorrerá e à que se deve lealdade.

Na pista o sol é fora, por trás Audi Corolla
Vida incerta, mas gostosa de estar
No morro fumando um baseado
Me lembro do meu passado e dos relíquia que se foi
Outros, privados da liberdade, mas com a mesma resposta
De nunca abandonar

No “bonde 157”, a agressividade explícita é dirigida à sociedade (aqueles que não estão no crime) e à elite. Propõe-se um jogo no qual o interlocutor deve reconhecer o poder de fogo de quem fala empunhando a arma e o roubo como meio de vida legitimado pelas desigualdades sociais prévias.

Na vida que vivemos só dura o mais forte, então, audacioso, ambicioso na lei sou procurado, perigoso, que quando os vermes brota o bagulho fica sério, o A.K é a lei nosso critério

A vítima é citada como cliente:

A intenção é má
Se pego madame de carro importado

Jogo na cara dela meu pistolão cromado
minha sede de vingança já não tem limite

Infelizmente a chapa está quente, carro cliente faz um refém
157 boladão de AK-47 à procura do milhão
Pesadelo do bacana quando nós desce a colina

Observa-se a desumanização do Outro, de quem está do outro lado, que não faz parte do grupo ou do crime. A desumanização acompanhada de generalização carrega uma avaliação moral negativa e permanente, desvinculada de atos específicos que possam ter originado o sentimento de raiva e desejo de restituição. O inimigo desumanizado e moralmente insignificante ou desprezível não merece compaixão.

Lugares de fala e cultura da brasilidade

Nas três metáforas, o sujeito transita entre diferentes lugares, entre a agressividade (de onde sustenta a voz publicamente) e lugares que legitimam sua posição no mundo dos roubos e assaltos, na guerra do tráfico ou de *outsider* na vida paralela. Essa legitimidade advém discursivamente do lugar de vítima do sistema e da injustiça social, do fato de ter crescido nas bocas do tráfico, do ethos de guerreiro que luta pelo território e defende do inimigo.

Estão presentes indícios de elementos culturais da brasilidade, como o personalismo (valor concedido aos vínculos pessoais, sejam de amizade ou de ódio e vingança), sendo frequentes referências à irmandade, ao coração e à amizade; e o patrimonialismo, materializado na oposição política entre público e privado, de onde se defende o território pessoal com legitimidade, mesmo que retroalimentando e perpetuando a injustiça e a desigualdade.

O binômio personalismo/patrimonialismo serviu de bússola sobre o que é ser brasileiro, e é duramente criticado por Souza como um heurístico que impede uma visão articulada de como nossas condições culturais contribuem para o entendimento dos problemas do Brasil (SOUZA, 2009, p. 55).

No exemplo "Bonde 157", o sujeito transita entre o lugar de assaltante/ladrão e aquele que cumpre sua sina. Transita entre o poder e o lugar de domínio do Outro na ameaça e força das armas, assim como na ostentação, e na fragilidade de quem só

tem a inevitabilidade. A proeminência da temática da inevitabilidade é muito menor no relato, apresentada provavelmente mais para a legitimação do que pelo protesto genuíno. Em outras palavras, na exaltação do roubo o sujeito da força e da dominação sobrepõe-se ao sujeito vitimado pelas suas condições.

157 roubando prá caralho, metendo várias bronca com carro do ano
241 motivos prá sorrir

Esta relação entre roubo e sensação de poder encontra apoio no que Zaluar identificou como lugar de contestação:

[...] ressaltava-se a sensação de poder sobre quem era roubado. Essa sensação constituía uma inversão da posição de submissão. Do mesmo modo que a percepção negativa do trabalho, essa percepção do roubo e o ato de praticá-lo parecem estar vinculados a uma forma de contestação da sociedade. (ZALUAR, 1983, p. 29)

Igualmente, em Teixeira (2012), sobre meninos que preferem o roubo ao tráfico:

Não quero ter patrão no crime e não quero ter que pagar para ser bandido são frases mencionadas com frequência por esses meninos [...]. (TEIXEIRA, 2012, p. 320)

Na metáfora “essa guerra” (não qualquer guerra, é “essa guerra”, devemos saber qual é), observa-se maior ambiguidade, coerente com o jogo de linguagem que dá forma à metáfora. A guerra é sempre legitimada pela causa justa para quem entra no confronto, seja para declará-la, para juntar-se a aliados ou para vingar-se da injustiça ou do ataque. Aqui, o sujeito é guerreiro, que defende o território, os meios de vida, o grupo, a família. A ambiguidade expressa-se entre a heteroagressão e o vocabulário de solidariedade, e nas ameaças de execução caso se rompa o código de ética, que são as bases da convivência entre o narcotráfico e a população que não habita o *mundo do crime*. Crimes de morte e roubo são ações estratégicas e fazem parte do jogo.

Estão presentes também elementos interculturais relacionados à guerra assimétrica e conflitos de baixa intensidade. Jovens com camisetas no rosto empunhando fuzis, bem como fotos de Bin Laden, de crianças africanas empunhando armamento bélico e chefes de Estado são frequentes. Mostram a conexão entre o

mundo intersubjetivo e o imaginário veiculado pela comunicação mediada, mostrando que o uso do conteúdo das mídias inscreve-se nas práticas culturais cotidianas (ALSINA, 1995).

O contexto “vida paralela” exalta os feitos do *mundo do crime*, mas apresenta também suas vicissitudes, sem focar na vitimação. No exemplo selecionado não se apresentam justificativas para a vida paralela e não se busca legitimação ou redenção na inevitabilidade da injustiça social. Apresenta-se como uma forma de vida vinculada à ética da irmandade, exaltando-se valores morais e culturais:

Prá muitos causa curiosidade
Mas nós tem o pé no chão
E um fuzil para lutar
É loka mas não deixa de ser sincera
Essa vida paralela tem muito pra ensinar

Nós planta humildade, pra colher poder

A exaltação de líderes⁷ como heróis e de mitos, juntamente com o uso de vocabulário próprio ou mesmo de uma estética comum apresentam-se como artefatos culturais e simbólicos do *mundo do crime*. Fazer parte de um comando não é apenas questão de pertencimento, é também questão de estar no comando:

Não somos fora da lei porque a lei quem faz é nós

Da heteroagressão

Os elementos de heteroagressão estão presentes em alguma das formas analisadas em todos os vídeos observados. Nas metáforas “essa guerra” e “vida paralela”, o Outro é frequentemente um grupo rival, grupos criminosos que também operam no narcotráfico, criminosos “não formados” e delatores, além da polícia, que não goza de legitimidade em nenhum caso, sempre referida como corrupta, violenta e inimiga, não apenas no âmbito dos negócios, mas também no âmbito da cidadania e da vida privada.

⁷ Em muitos vídeos as iniciais RL lembram um dos fundadores do Comando Vermelho, Rogério Lengruber.

Para a polícia e delatores - inimigos desprezíveis - usam-se expressões que denotam desumanização, desprezo e nojo, como “verme”, por exemplo, mais do que expressões de raiva por feitos específicos. Na metáfora “Bonde 157”, predominam nojo e desprezo dirigidos à “sociedade” e à “elite”, buscando-se legitimação para o roubo e o latrocínio na distância socioeconômica, e também nas características intrínsecas e desprezíveis do inimigo. O destinatário da heteroagressão é uma categoria ampla, indiscriminada.

Retomando a operacionalização de Matsumoto et al (2012) sobre expressões de componentes do ódio e possível relação com a heteroagressão dirigida, os vídeos analisados contêm indícios de que o *mundo do crime* se nutre de ódio prévio entre grupos e parcelas da sociedade, retroalimentando-o. Contêm também indícios de que a expressão de componentes do ódio vem incitar e legitimar a prática de atos violentos e da imersão do *mundo do crime* como formas de vida, legitimadas pela origem e pela exclusão social, pela atuação corrupta das autoridades, pela aposta na inevitabilidade do destino.

Considerações finais

A análise exploratória discutida neste artigo foi orientada à nomeação de metáforas que permitissem a aproximação aos jogos de linguagem propostos nos vídeos observados, bem como à identificação de marcadores emocionais de heteroagressão que pudessem ser indicativos de tendências à radicalização e choque.

Recorrer aos Jogos de Linguagem pressupõe assumir que tais jogos funcionam como sistemas de significação em si mesmos, sistemas no interior dos quais histórias e vocabulário ganham sentido. A identificação e nomeação de conteúdos ocorrerão numa articulação entre observador e conteúdos observados, de forma que saber quais pressupostos teóricos guiarão a análise é importante para poder interagir com os conteúdos.

Recorrer a metáforas vivas como formas de vida mantém aberta a possibilidade de que os conteúdos se articulem em si mesmos, num movimento vivo de construção de sentido. Pode-se tentar compreender as transições entre lugares de fala, os posicionamentos identitários muitas vezes contraditórios, a articulação de crenças e valores provenientes de marcos culturais locais ou distantes, a manifestação

de desejos inseridos em contextos específicos. Embora todos esses elementos produzam efeitos no observador, as metáforas vivas oferecem um quadro no qual é possível reposicionar os elementos sem que precisem entrar em choque com concepções prévias.

Os vídeos analisados são peças direcionadas à exaltação de feitos, de pertencimento social e de formas de vida. A chamada para o reconhecimento social aponta para causas possíveis de ordem política e psicológica, não simplesmente econômicas. As formas de vida apontam para formas de socialização e de atribuição de sentido em si mesmas, e sua análise requer cautela.

Esta análise exploratória permitiu articular brevemente a ideia de formas de vida como sistemas de significação com indicadores de heteroagressão dirigida. Apesar da grande variedade de formas e da complexidade simbólica do material observado, foram identificados indícios de fios condutores comuns que podem ser considerados amostras de eixos em torno dos quais se articulam orientadores para a ação no *mundo do crime*, incluindo uma possível tendência à radicalização.

O vocabulário específico, a estética, a recorrência de mitos e heróis surgem no interior de jogos de significação que são em si mesmos produtos intersubjetivos. Caberia perguntar em que medida a cultura do crime se constrói num espaço entre os mundos de dentro e de fora do crime. Poderíamos indagar se as metáforas nomeadas (e outras possíveis) estão relacionadas a diferentes desejos de reconhecimento e universos dentro do *mundo do crime*. Ou se a prevalência de componentes do ódio são indicadores de choque e de heteroagressão dirigida ou de tendências à radicalização.

O aprofundamento na análise está além do escopo previsto para este trabalho, mas a aproximação exploratória mostrou-se rica em possibilidades. Independentemente do caminho, toda aproximação terá que lidar com o desafio das diferenças de base, lembrando que as diferenças nas precondições se traduzem em contingências do sujeito, conduzindo provavelmente a uns e não outros multiversos possíveis.

O mito da brasilidade citado neste texto descreve os brasileiros como pessoas afáveis, hospitaleiras, que valorizam os laços afetivos e a amizade, não somente

íntima, mas também pelo outro distante. Entretanto, uma cultura fundada no personalismo e no patrimonialismo deixa de lado a coisa pública, esquecendo que mesmo a vida privada, íntima, não existe sem a vida intersubjetiva, e que o que se pode ter de mais valioso está entre as pessoas, e não sob o domínio ou propriedade delas. Na idiotia política, a solidariedade, que permite que reconheçamos o outro como parte de nós, sem ser uma condição inata no homem ou inerente ao ambiente, fica interrompida.

Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **Los estudios de comunicación intercultural**. Disponível em: <http://www.ehu.es/zer/hemeroteca/pdfs/zer01-05-alsina.pdf>. Acesso em: 07/08/2013.
- ANUÁRIO BRASILEIRO de Segurança Pública, (2014). Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//8anuariofbsp.pdf>> Acesso em: 17/11/2014.
- ADORNO, Sérgio. e SALLA, Fernando. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. **Revista de Estudos Avançados**, 21 (61), 2007.
- CÓDIGO PENAL BRASILEIRO - DECRETO-LEI No 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em: 07/08/2013.
- COSTA, Jurandir Freire. **A habilidade natural**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs121008.htm>>. Acesso em: 07/08/2013.
- DAVIDSON, Donald. Paradoxos da irracionalidade In: Wollheim, Richard; Hopkins, James. **Philosophical Essays on Freud**, Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 289-305. Trad. de Marco Antonio Frangiotti.
- FELTRAN, Gabriel Santis. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FERNÁNDEZ, Luciana Moretti. Políticas públicas de segurança e violência política: reflexões sobre capital social negativo e reciprocidade. In: Matos, Heloiza (org). **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: Editora ECA - USP, 2013.
- MATSUMOTO, David e HWANG, Hyisung C. The language of political aggression. **Journal of Language and Social Psychology**. October 8 – 2012.
- MATSUMUTO, David et al. Emotions expressed in speeches by leaders of ideologically motivated groups predict aggression. **Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression**. Taylor & Francis, 4, 2012.
- MATSUMUTO, David et al. Emotional Language and political Aggression. **Journal of Language and Social Psychology**. February 7, p.1-17, 2013.

-
- RAMBERG, Bjorn. **Naturalizing Idealizations: Pragmatism and the Interpretivist Strategy**. Contemporary Pragmatism. Editions Rodopi, 2, v. 1, p.1-66, 2004.
- RORTY, Richard. **Contingency, Irony and Solidarity**. New York: Cambridge University Press, 1989.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: como é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- STEINER, Jurgen. The Foundations of Deliberative Democracy. **Empirical Research and Normative Implications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- TAYLOR, Charles. **As fontes do self – A construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- TEIXEIRA, Alessandra. **Construir a delinquência, articular a criminalidade. Um estudo sobre a gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado em Sociologia – FFLCH/USP, 2012.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012 - Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigaciones filosóficas**. Barcelona: Ediciones Altaya, 1999.
- ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo: As classes populares urbanas e a lógica do “ferro” e do fumo. In: Pinheiro, Paulo Sérgio (org.). **Crime, Violência e Poder**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **Democratização inacabada: fracasso da segurança pública**. Estudos Avançados, 21, v. 61, p. 31-49, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000300003>. Acesso em 06 Mar. 2015.